

Título original: *Unsolved Mysteries*
Copyright © 2016 by Quid Publishing
Ilustrações © 2016 by Quid Publishing
Autor: *Joel Levy*
Design e ilustração: *Michael Lebihan*
Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2019
Tradução: *Ana Mendes Lopes*
Adaptado por: *Sofia Ramos / Editorial Presença*
Composição: *Ana Seromenho*
Impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas,*

Lda.

Revisão: *Carlos Jesus / Editorial Presença*
Depósito legal n.º 455 370/19
1.ª edição, Lisboa, maio, 2019
Todos os direitos reservados.

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras
Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
Brilho das Letras
Uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@jacaranda.pt
www.jacaranda.pt
facebook.com/jacarandaeditora
www.instagram.com/jacaranda_editora/

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
LUGARES MISTERIOSOS	8
Atlântida	10
Stonehenge	16
As Linhas de Nazca	22
A Ilha de Páscoa	28
A Capela de Rosslyn	34
O Eldorado	40
O Poço do Dinheiro de Oak Island	46
A Casa Misteriosa de Winchester	52
Rennes-le-Château	56
ACONTECIMENTOS POR RESOLVER	62
O Exército Perdido de Cambises	64
A Colônia Perdida de Roanoke	70
A Sala de Âmbar	76
Kaspar Hauser	82
O <i>Mary Celeste</i>	86
Os Faroleiros de Eilean Mor	92
O Fenómeno de Tunguska	96
Amelia Earhart	100
O Triângulo das Bermudas e o Desaparecimento do Voo 19	106
O Assassinato de Tamam Shud	110
D. B. Cooper	116
O Desaparecimento do Voo MH370 da Malaysia Airlines	120

AVISTAMENTOS ESTRANHOS	124
Spring-Heeled Jack	126
As Pegadas do Diabo	130
O Terceiro Segredo de Fátima	136
O Monstro do Lago Ness	140
Óvnis e a Área 51	146
Bigfoot, Sasquatch e o Yeti	152
O Sinal Wow! Vindo do Espaço	156
Estátuas Que Choram e Sangram	160
Felinos Fantasma	164
Círculos nos Campos de Cultivo	168
Fantasmas ou Globos de Luz	172
ARTEFACTOS CRÍPTICOS	176
A Taça Fuente Magna	178
O Disco de Phaistos	184
A Arca da Aliança	190
A Bateria de Bagdade	196
A Máquina de Anticítera	200
O Santo Sudário	206
O Manuscrito Voynich	212
LEITURAS ADICIONAIS	218
ÍNDICE REMISSIVO	220
CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS	224

INTRODUÇÃO

A atração pelo mistério diz-nos algo muito profundo sobre a condição humana. Os humanos evoluíram para serem contadores de histórias, para encontrarem padrões, para resolverem enigmas; a nossa psicologia, as próprias ligações do cérebro humano, está programada para construirmos narrativas e encontrarmos explicações. É por este motivo que a curiosidade nos move a todos, desde as crianças pequenas que brincam aos cientistas que exploram o universo. Resolver problemas traz satisfação, quer sejam as palavras cruzadas do jornal da manhã ou o funcionamento das forças fundamentais. E, no entanto, continuamos a sentir-nos fascinados pelos mistérios: procuramo-los e pensamos neles obsessivamente; e muitas vezes preferimos que continuem por resolver.

Talvez a explicação para este desejo contraditório possa ser identificada na tensão que reside no cerne dos mistérios. Um mistério é um problema que pode ter uma solução, um segredo que podia ser revelado – é uma lenda, mas com uma ponta de verdade. O mistério oferece o potencial da resposta e, no entanto, a tensão entre o enigma e a explicação continua por resolver.

«À exceção do desconhecido e do que conhecemos, o que mais existe no mundo?», pergunta uma personagem da peça *O Regresso a Casa*, de Harold Pinter. Os mistérios estão na fronteira destas duas categorias, são uma zona limite entre as disciplinas e os mundos. Um verdadeiro mistério tem um fator X que o eleva para lá do estatuto de uma pergunta sem resposta ou de um problema sem solução. Os mistérios deste livro apresentam esta qualidade indefinível; existem na zona difusa onde os mistérios ganham vida: onde os factos se cruzam com a ficção, onde o natural se mistura com o sobrenatural, onde o normal se confunde com o paranormal.

Os casos nas páginas que se seguem resistem a uma classificação simples, em parte pelo facto de serem mistérios, mas estão, não obstante, classificados em quatro categorias abrangentes: Lugares Misteriosos, Acontecimentos por Resolver, Avistamentos Estranhos e Artefactos Crípticos. A primeira categoria, Lugares Misteriosos, explora mistérios associados com localizações específicas que são por si só enigmáticas. Acontecimentos por Resolver detalha principalmente mistérios humanos, em particular desaparecimentos sem explicação. Avistamentos Estranhos descreve encontros bizarros e experiências peculiares. Artefactos Crípticos explora objetos estranhos e tecnologia que não encaixa no tempo ou no espaço.



Os *moai* da ilha de Páscoa são bustos de pedra colossais que encerram muitos mistérios sobre a ilha de Páscoa e a sua cultura perdida.

É inevitável que algumas das categorias sejam definidas com pouca exatidão, em parte para poderem incluir mistérios que se recusam a encaixar numa classificação simples. Veja, por exemplo, o caso de Tamam Shud, em que um cadáver foi encontrado numa praia australiana em 1948, acompanhado de um bilhete codificado bastante peculiar. Continua a ser impossível identificar o homem morto; determinar como ou se tinha sido assassinado, quanto mais quem teria cometido o crime; decifrar o misterioso código que o acompanhava ou descobrir por que motivo trazia consigo uma mensagem persa encriptada. Este caso é quase o inverso de um desaparecimento misterioso: o cadáver de um homem apareceu, mas tudo o que possa estar relacionado com ele está fora do alcance, embora existam pistas tentadoras que apontam para um caso de espionagem durante a Guerra Fria e um filho, fruto de um caso amoroso secreto.

Como todos os bons mistérios, o caso Tamam Shud continua por explicar e será possivelmente irresolúvel. Noutros casos, tentei, sempre que possível, apontar soluções prováveis para os enigmas mais atraentes. Nas palavras de Albert Einstein, «a coisa mais bonita que podemos experimentar é o misterioso».



As antas de Stonehenge durante o nascer do Sol, por alturas do solstício de verão.

LUGARES MISTERIOSOS

Um lugar não precisa de ser real para ser misterioso; o mítico continente perdido da Atlântida provavelmente nunca existiu para lá da mente de Platão, o filósofo grego, e, no entanto, inspirou uma indústria inteira de especulação e investigação. Por outro lado, Stonehenge é bastante real e, apesar de ser um dos monumentos pré-históricos mais escrutinados do mundo, continua a oferecer-nos enormes mistérios. Em dezembro de 2015, um grupo de investigadores anunciou a descoberta de uma das pedreiras de onde se retiraram as pedras de tonalidade azul, para depois virem a descobrir que estas tinham sido extraídas do afloramento rochoso cerca de 500 anos antes da construção de Stonehenge. Este facto levanta a intrigante possibilidade de Stonehenge ser, na verdade, uma cópia ou reinterpretação de um monumento bastante mais velho, originalmente erigido algures no País de Gales.

Outros lugares pré-históricos assombram a nossa imaginação coletiva, desde os glifos paisagísticos das linhas de Nazca às taciturnas e colossais esculturas da ilha de Páscoa. Como foram construídos estes extraordinários monumentos e qual o seu significado? Um conjunto de perguntas diferentes pode aplicar-se às putativas localizações de tesouros perdidos e segredos grandiosos, como o fantasioso Eldorado, o reino do ouro, o simbolismo dos ornamentos da Capela de Rosslyn, os contos fabulosos do Poço do Dinheiro de Oak Island, e a paisagem sagrada e ocultismo obscuro de Rennes-le-Château. Que riquezas poderão estar escondidas nestes lugares e que revelações avassaladoras estarão ainda por descobrir?

MISTÉRIO N.º 1

ATLÂNTIDA

DATA: 9600 a. C.

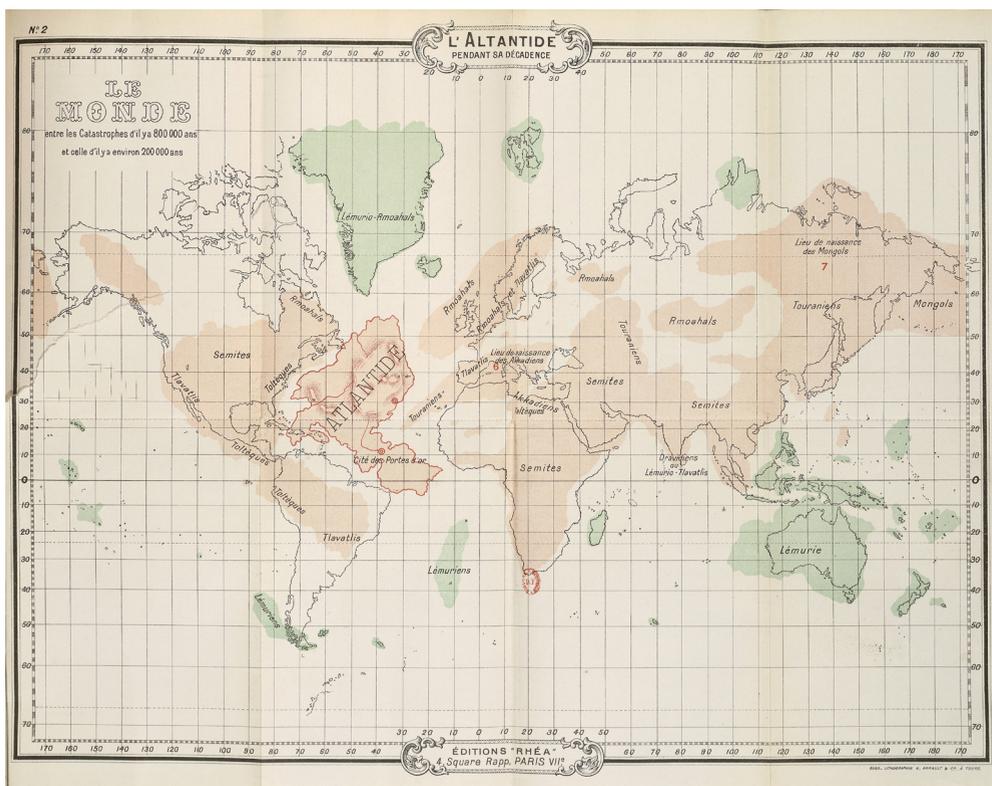
LOCALIZAÇÃO: Para lá do estreito de Hércules

O conto de Platão, presumivelmente com origem no antigo Egito, fala-nos de um império insular no Atlântico, mais tarde considerado por pseudo-historiadores e místicos como o berço da civilização.

A Atlântida era uma grandiosa ilha para lá do estreito de Hércules, terra de um rico e glorioso reino que se transformou num império antes de perecer numa inundação enviada como castigo divino pela arrogância e corrupção que nele reinavam. Desde que Platão contou esta história pela primeira vez, há 2500 anos, a Atlântida já foi imaginada em cada canto do mundo e a ela foram atribuídas características místicas, desde a telepatia aos carros voadores. Tornou-se um repositório para cada pensamento da Nova Era e suposição histórica alternativa, desde a teoria de que a Terra é oca e os discos voadores se movimentam livremente no seu interior até às profecias ambientais do fim do mundo.

A fonte original da Atlântida encontra-se nos escritos do filósofo ateniense da Antiguidade Platão. Em dois diálogos, *Timeu* e *Crítias*, provavelmente escritos a meio do século IV a. C., Platão explica a história que lhe chegou por via dos descendentes do poeta, estadista e legislador de Atenas Sólon.

Enquanto viajava pelo Egito em 590 a. C., um sacerdote egípcio mostrou a Sólon uma coluna sobre a qual o conto fora registado – um conto de uma antiguidade incrível, que Platão localiza claramente nove milénios antes (ou seja, por volta de 9600 a. C.).



Mapa retirado de *A História da Atlântida*, de William Scott Elliot, em 1896, que ilustra a massa terrestre do planeta da era da Atlântida, conforme revelada por clarividência.

Desde o início do detalhado relato de Platão, este faz uma descrição precisa do tamanho e localização da Atlântida:

«Este portentoso [Atlântida] emergiu do oceano Atlântico, porque naquele tempo o Atlântico era navegável; e ali estava uma ilha situada em frente aos estreitos que agora se chama os Pilares de Hércules; a ilha era maior do que a Líbia [no Norte de África] e a Ásia [hoje em dia a Turquia e o Próximo Oriente] juntas...»

A ATLÂNTIDA DE PLATÃO

Platão descreve uma ilha enorme rodeada por montanhas, com uma capital (também chamada Atlântida) no centro de uma planície contornada por canais concêntricos e grandes

muralhas. No centro existia uma colina rochosa com um monumento a Posídon, o deus do mar e o criador do reino. Apesar de ser abençoada com todos os bens terrenos e humanos imagináveis, como recursos naturais, uma grande riqueza mineral, exércitos poderosos e enorme sabedoria e erudição, a Atlântida tornou-se gananciosa e arrogante. Os seus exércitos conquistavam as profundezas de África e ameaçavam a Europa, apenas a corajosa Atenas lhe resistia, até que Posídon se enfureceu e fez cair a destruição sobre a própria terra que criara: «Ocorreram então violentos terremotos e inundações; e num único dia e uma noite de infortúnio... a ilha da Atlântida... desapareceu nas profundezas do mar. É por esse motivo que o mar naquele lugar é impenetrável e impossível de cruzar, porque existe um baixio lamacento no caminho; e este foi causado pelo assentar da ilha.»

O conto de Platão é dramático e detalhado, mas carece de provas. O filósofo situa a Atlântida no décimo milénio a. C. – de acordo com a história convencional, algures perto do início do Neolítico, quando a agricultura surgiu. As pessoas viviam em pequenos grupos, raramente se instalavam por largos períodos de tempo e construíam pequenas e frágeis estruturas com recurso a pedra, madeira, osso e hastes. No entanto, a Atlântida e a Atenas

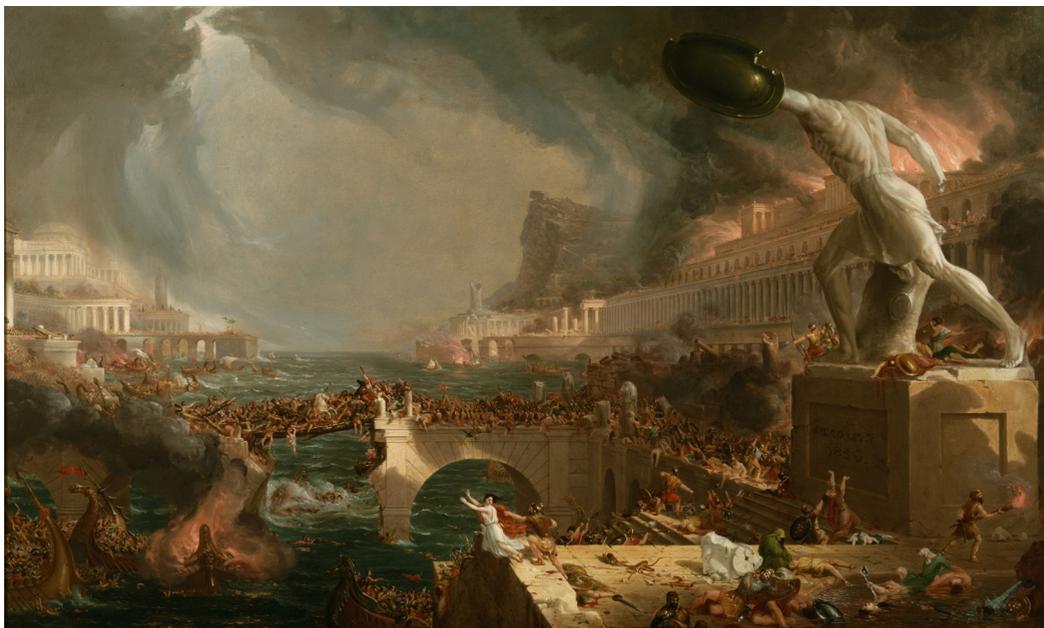


Imagem clássica romântica sobre o colapso da civilização, tema central do conto da Atlântida.

descritas por Platão eram claramente sociedades da Idade do Bronze, com armas e armaduras de bronze, barcos que cruzavam os mares, cidades grandiosas e arquitetura monumental. Não existem provas concretas convencionalmente aceites de que uma civilização como a descrita por Platão tenha surgido antes do quarto milénio a. C.



Gravuras rupestres de cerca de 6500 a. C.; provas como estas sugerem que a tecnologia da Idade do Bronze descrita por Platão ainda não tinha surgido no décimo milénio a. C.

ANTES DA INUNDAÇÃO

Mas e se as provas estiverem à nossa volta e não tivemos simplesmente a inteligência para as reconhecer? No século XIX, uma

nova disciplina dedicada ao estudo da Atlântida evoluiu significativamente para o que pode designar-se um estado protocientífico, em que os estudiosos procuraram coligir informações contemporâneas nas áreas da ciência, arqueologia e antropologia. O estudo protocientífico da Atlântida foi iniciado pelo político, jornalista e historiador amador americano Ignatius Donnelly, cujo livro de 1882 *Atlântida: O Mundo antes do Dilúvio* foi um enorme sucesso e mudou radical e definitivamente a percepção da Atlântida.

Donnelly encontrou provas da existência da Atlântida nas semelhanças entre culturas distantes. Questionou-se, então, por que motivo as civilizações localizadas em ambos os lados da ilha partilhavam, por exemplo, a construção de pirâmides, a adoração do Sol e os mitos sobre grandes inundações? Donnelly afirmava que todos partilhavam uma fonte comum: uma civilização semelhante a Ur, de onde todas as outras surgiram, fosse através da colonização ou recolocação depois de um desastre natural. Esta teoria, conhecida como difusionismo, continua a formar a parte fulcral de muita da pseudo-história dos estudos atuais sobre a Atlântida. À semelhança de Platão, Donnelly situou esta civilização original no oceano Atlântico, apontando para os Açores e as Canárias, assim como para as grandes cordilheiras montanhosas recentemente descobertas por expedições oceanográficas, como resquícios do continente perdido que se afundou devido a acontecimentos cataclísmicos característicos daquele período de pensamento geológico.

ESTUDOS REVISIONISTAS DA ATLÂNTIDA

Sabe-se atualmente que o fundo do mar é composto por basalto denso, enquanto a rocha que constitui as massas de terra continentais é relativamente leve e menos densa, por isso seria impossível que um continente se «afundasse» no oceano, conforme Donnelly descreveu. Os avanços geológicos também mostraram que as cordilheiras montanhosas que formam os Açores e as Canárias não são resquícios de continentes afundados, mas montanhas de origem vulcânica criadas por erupções locais de magma que se ergueram do solo oceânico.

Os estudos protocientíficos da Atlântida deram origem a uma nova disciplina: os estudos revisionistas da Atlântida, que defendem que o relato de Platão não pode ser encarado literalmente, mas sim que este se refere a uma supercivilização pré-histórica desconhecida dos historiadores contemporâneos. Desde então, os estudiosos da Atlântida procuraram pela ilha em quase todos os cantos do planeta. De entre muitos concorrentes, uma das localizações revisionistas mais notáveis é o aglomerado minoico em Thera (agora, a ilha de Santorini), no mar Mediterrâneo, destruído por uma colossal erupção vulcânica cerca de 1500 a. C.

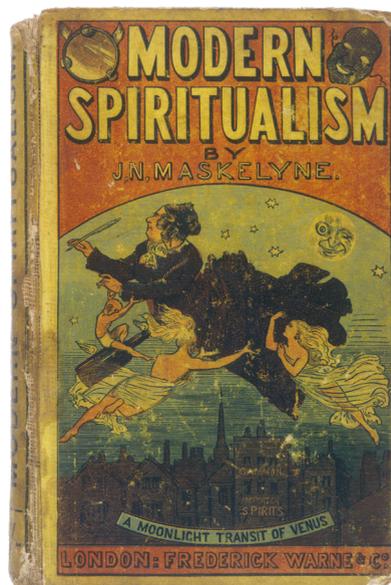
No entanto, a interpretação mais plausível da Atlântida de Platão é que tudo não passa de uma invenção. Como fonte de inspiração, Platão não precisaria de procurar muito longe, bastava olhar para Helike, a cerca de 160 quilômetros a oeste de Atenas, que em 373 a. C. se viu submersa por um gigantesco tremor de terra e subsequente maremoto. Helike tinha sido outrora a líder da Liga Aqueia, com um enorme templo dedicado a Posídon. Desapareceu literalmente da noite para o dia, quando Platão tinha cerca de 54 anos, e parece inconcebível que não tenha pensado neste acontecimento quando, 17 anos depois, escreveu sobre a Atlântida.

TEORIAS REBUSCADAS

O trabalho de Donnelly coincidiu com a popularidade crescente do movimento místico, principalmente a teosofia, uma aglomeração eclética de misticismo oriental. A Atlântida provou ser um terreno fértil para a imaginação mística, proporcionando o aparecimento de uma nova fase mística com os estudos dedicados à ilha. Através de métodos como as viagens astrais, as memórias de vidas passadas e as comunicações com espíritos etéreos, as excitantes revelações sobre a Atlântida e outros continentes perdidos não tardaram em surgir. Na imaginação popular, a Atlântida encontrava-se ligada ao domínio dos poderes paranormais, como a telepatia e a tecnologia do oculto, através, por exemplo, do uso de uma energia mística chamada vril.

No século xx, estas teorias deram origem a fantasias negras sobre as histórias alternativas da Terra sob a influência nazi, que envolviam guerras épicas entre as raças predominantes e as raças malignas e degeneradas, em que os semideuses arianos recorriam a tecnologias alimentadas por energia vril (como discos voadores) desenvolvidas na sua utopia atlante, até que foram destruídas num choque de civilizações.

Hoje em dia, muitos destes aspetos dos estudos sobre a mística Atlântida ainda persistem no pensamento da Nova Era, em temas como a sobrevivência do espírito da Atlântida no interior dos povos modernos, as semelhanças entre o «ecocídio» dos habitantes da antiga Atlântida e o capitalismo moderno – a sociedade consumista e a disponibilidade dos superpoderes da Atlântida para aqueles que possuírem o tipo certo de «vibrações».



Um tomo vitoriano sobre espiritualismo, refletindo a crescente popularidade do misticismo e do oculto no período em questão.